

Há 113 anos nascia Dalcídio Jurandir

Ainda hoje a rica obra deixada pelo autor paraense Dalcídio Jurandir, que completou 113 anos de nascimento nesta semana, continua a alcançar novos leitores e novas fontes de estudo

LITERATURA

Cintia Magno

Eternizada nos romances de Dalcídio Jurandir, a história do menino marajoara Alfredo, que faz o movimento migratório do interior para a capital em busca de dar continuidade aos estudos, poderia ser a de um jovem estudante dos dias atuais. Não é à toa que, ainda hoje, a rica obra deixada pelo autor paraense que completou 113 anos de nascimento nesta semana continua a alcançar novos leitores e novas fontes de estudo.

Em cerca de 3 mil páginas divididas em dez romances que compõem o chamado ‘Ciclo do Extremo Norte’, Dalcídio levou ao centro de sua ficção o povo simples do Marajó e de uma Belém suburbana. O caminho traçado pelo personagem Alfredo se assemelha, em parte, com a trajetória do próprio Dalcídio Jurandir. Nascido em 10 de janeiro de 1909 na vila de Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó, o escritor mudou-se para Belém ainda criança, onde concluiu os estudos primários e iniciou o ensino médio.

Oriundo de uma família descendente de portugueses, por parte do pai Alfredo do Nascimento Pereira, e de escravos, por parte da mãe Margarida Ramos, Dalcídio tem uma história de vida que é muito parecida não apenas com a do protagonista do seu romance, como a de muitos brasileiros ainda hoje, mais de oito décadas após a publicação do primeiro livro da série.

Coordenador da faculdade que recebe o nome do escritor, a Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Altamira, o professor Fernando Farias lembra que, na entrada do século passado, com a quebra da economia da borracha e com a queda de Antônio Lemos do poder, a família de Dalcídio Jurandir também enfrentou uma perda econômica muito grande.

“Dalcídio fazia parte de uma família de notáveis, usando uma expressão do Milton Santos. Então, eles quebram economicamente e a família dele vê como uma das formas de superar essa quebra, investir nos estudos do filho e a mãe dele é peça fundamental nisso”, aponta. “O pensamento da família era que se não dava para continuar nessa elite, nessa classe de notáveis do Marajó, que se investisse na educação do filho, já que a educação é o capital intelectual”.

Já em Belém, morando na casa de parentes, no subúrbio da capital, o escritor en-



contra, de certa forma, muitos dos elementos que acaba aplicando em seus romances. Apesar de ter iniciado o ensino médio no Colégio Paes de Carvalho, que até hoje segue em funcionamento, Dalcídio não concluiu os estudos, o que não impediu que trilhasse uma carreira como jornalista e romancista.

“Ele estuda em escola pública, mas não é um aluno destacado. De certa forma, a educação formal não é agradável para ele, então, ele acaba não tendo muita adequação”, considera Fernando. “Ele via na escola muitos professores e alunos arrogantes em detrimento ao fato de ele ser filho de uma mãe negra, e de certa forma ser negro também, ainda que o pai dele fosse português e, além disso, um interiorano estudando em Belém. Então, havia todo um preconceito e ele acaba abandonando os estudos no que seria equivalente à 6ª série no Paes de Carvalho, que era uma escola de renome e ainda tem o seu destaque, hoje”.

Ao largar os estudos, Dalcídio começa a trabalhar nas periferias, passa a dar aulas particulares e, com o tempo, viaja para o Rio de Janeiro para tentar a vida. Sem meios de sobrevivência, chega a trabalhar como lavador de pratos e, posteriormente, como revisor não remunerado em uma revista da época. Ainda na década de 20 ele retorna a Belém e escreve a primeira versão do seu primeiro romance, ‘Chove nos Campos de Cachoeira’, posteriormente reescrito.

PREMIAÇÃO

Ainda no Pará ele colabora com jornais locais e dá andamento aos seus romances. É somente na década de 40, quando ‘Chove nos Campos de Cachoeira’ é premiado em primeiro lugar no concurso literário nacional do jornal Dom Casmurro e da editora Vecchi, do qual faziam parte da comissão julgadora nomes como



EM IMAGENS

- 1 Dalcídio iniciou o ensino médio no Colégio Paes de Carvalho
- 2 Dalcídio Jurandir
- 3 Fernando Farias
- 4 Paulo Nunes

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Jorge Amado, Oswald de Andrade e Rachel de Queirós, que Dalcídio muda-se novamente para o Rio de Janeiro, atuando como escritor e jornalista.

“Em termos profissionais, ele acaba, de certa forma, satisfazendo o investimento da família e se torna um jornalista de renome tanto no Pará, quanto no Rio de Janeiro”, aponta o professor. “Esse jornalismo, diga-se de passagem, era um laboratório para os romancistas da geração dele, a geração de 30 em diante. Dalcídio faz do jornalismo esse laboratório e consegue elaborar um conjunto de 10 romances em que ele retrata a vida, em especial, do povo das periferias de Belém. A Belém que Dalcídio aborda não é a do centro, é a Belém da baixada, da vendadora de tacacá, daquele carregador de entulhos, do bate-dor de açai”.

Exatamente por esse rico trabalho de pesquisa que subsidia a elaboração de seus romances, o professor Fernando Farias destaca que Dalcídio é considerado um dos precursores da etnografia na Amazônia.

“Ele tudo anotava, tudo observava, tudo já perspectivava para a ficção. Ele passa muito tempo observando as formas de falar, as figuras de linguagem”, observa Fernando, ao relatar a impressão que ele mesmo teve ao ler Dalcídio pela primeira vez.

“Eu sou natural de Belém, mas a minha mãe é natural do interior do Estado e eu lembro que na primeira vez que eu li Dalcídio eu falei: ‘esse cara está falando da minha vida, esse cara está contando as histórias que a minha mãe conta’. Ele está falando de algo que é meu, então a gente reconhece”.

Obra do escritor toca em temas universais

Essa característica marcada pela formação de jornalista é algo evidenciado no próprio acervo pessoal de Dalcídio, parte salvaguardado pelo Fórum Landi/Moronguetá, em Belém. Curador do acervo Dalcídio Jurandir do Fórum Landi/projeto Moronguetá (FAU/UFPA) e consultor da Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, em Niterói (RJ), o professor da Universidade da Amazônia e poeta, Paulo Nunes, aponta que o autor mantinha a prática de pesquisar, checar as fontes, ouvir informantes, adentrar os terreiros de umbanda, os currais de bumbás e pássaros, as festas de santos. Antes, como humanista, o professor aponta que Dalcídio teve duas escolas de observação das ruas: a Academia do Peixe Frito, grupo modernista liderado por Bruno de Menezes, e o Partido Comunista. “As duas ‘instituições’ treinaram o olhar do escritor para ver os sujeitos sociais. O Modernismo também ajudou quando coloca no centro da cena as pessoas comuns, ‘tão farinha do meu beiju’, ressalta ele próprio”, aponta.

AMAZÔNIA

Paulo Nunes destaca, ainda, que embora o romance de Dalcídio tenha como fundo a realidade amazônica, a obra do escritor toca em temas universais. “O romance de Dalcídio na verdade fala de emoções humanas, conflitos existenciais: a luta pelo poder, angústias, medos, perdas, amor”, pondera. “Dalcídio soube superar as linhas de uma literatura de regionalismos e deu uma dimensão maior à Amazônia”. Não à toa, em 1972, Dalcídio Jurandir é agraciado com o Prêmio Machado de Assis, conferido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. No ano seguinte ao lançamento do último romance do Ciclo do Extremo Norte, o livro ‘Ribanceira’ publicado em 1978, Dalcídio Jurandir falece no Rio de Janeiro.

SAIBA MAIS

ACERVO

● A guarda de parte do acervo pessoal de Dalcídio Jurandir, cerca de 40% do total, foi cedido pela família do autor a Belém, para o Fórum Landi, coordenado pelo professor Flávio Nassar. Através de convênio realizado entre a Universidade Federal do Pará, através do Fórum Landi, e a Universidade da Amazônia, através do Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Linguagens e Cultura, o material foi transportado com segurança, higienizado e recuperado por técnicos especializados. O projeto foi possível a partir de verbas federais garantidas pelo então deputado Edmilson Rodrigues.

● O acervo seria aberto ao público em 2020, porém, com a pandemia da Covid-19 os trabalhos precisaram ser suspensos. A expectativa é que os trabalhos possam ser retomados neste ano, com previsão de inauguração de uma sala na sede do Fórum Landi para visitação pública.

● Dalcídio Jurandir deixou onze romances publicados, sendo 10 parte da série chamada Ciclo do Extremo Norte.



PONTE DO GALO

● Referências do cotidiano do povo trabalhador e morador das áreas periféricas de Belém estão muito presentes na obra de Dalcídio Jurandir. Emblemática do bairro da Sacramento, a Ponte do Galo dá nome ao sétimo livro do Ciclo do Extremo Norte, publicado pela primeira vez em 1971.

FOTO: IRENE ALMEIDA